

Tire esse seu piercing do caminho que eu quero passar com a minha dor - por Iura Breyner



Foto: Användare:Zelina (Wikimedia Commons)

Hoje, não por acaso, escutei a canção “*Piercing*” de Zeca Baleiro, uma reflexão profunda sobre a vida contemporânea e seus contrastes. A letra começa assim:

“Quando o homem inventou a roda, logo Deus inventou o freio. Um dia, um feio inventou a moda... e toda a roda amou o feio.” – uma provável alusão à inteligência humana, a uma ampliação sempre crescente dos limites de sua liberdade e a conseqüente imprevisibilidade que, por assim dizer, obriga Deus a pôr freio, como forma indireta de controle, ou moderação. Na continuação, faz referência a **“um feio”** – indivíduo ou grupo humano – fora do padrão, que, por sua vez despadroniza por contágio a outros indivíduos e ambientes que em algum momento e por razões diversas incorporam ou padronizam o que antes era considerado “contra-padrão”.

Lembrei-me por um instante de como alguns movimentos sócio-políticos de caráter contestatório como o “*Hippie*” e o “*Punk*”^[1], surgidos nos EUA e Europa entre os anos 70 e 80, foram rapidamente absorvidos pelas mídias dos grandes centros urbanos dos cinco Continentes, transformando-se em modas febris e passageiras que desfiguraram total ou parcialmente a mensagem-mãe daqueles movimentos. Pensei mesmo nas mais importantes invenções e descobertas do homem, como por exemplo, a roda e o domínio do fogo com seu efeito-dominó, cuja última peça não seja outra que não aquela em que O Próprio Deus resolva pôr – quando queira – o Seu Divino Dedo.

Pergunto-me se a questão seria mesmo a da incontrolável inteligência humana e não a da sua inata liberdade, pela qual cada geração e cada indivíduo tem o poder e a responsabilidade de deliberar seu rumo histórico. Neste caso, de modo algum teria sido Deus a inventar o freio, mas o próprio Homem, sujeito ativo e passivo de seu livre arbítrio, como único ser na natureza com capacidade de domínio e controle sobre os demais seres e os de sua própria espécie.

Voltemos à letra da música; desta vez ao refrão que a intitula: **“tire o seu piercing do caminho, que eu quero passar, quero passar com a minha dor!”**. Demos um salto na história e nos contextualizamos na chamada pós-modernidade; o período cultural urbano do “pós-guerra”, ou da guerra e da morte institucionalizadas nas culturas urbanas do nosso mundo.

A letra faz referência à velha canção de Nelson Cavaquinho – **“Tire o seu sorriso do caminho, que eu quero passar com a minha dor...”** – a referência na letra é sublinhada pela melódica; uma espécie de “colagem musical” em que uma voz chorada e abafada canta ao fundo a segunda parte do trecho original como resposta à provocação recriada da primeira. Agora já não é mais o sorriso ferino da amada, alheio e até talvez sarcástico ante a dor do poeta desprezado, mas o “*piercing*” – signo da provocação “*punk*” à sociedade cuja característica mais marcante é o horror à dor manifestado na hipervalorização do conforto e do prazer e na hipócrita negação da própria realidade com suas imperfeições e cicatrizes indisfarçáveis. Signo desgastado e esvaziado de significação pelo

uso excessivo, repetitivo e indiscriminado por esta mesma sociedade que o incorpora, como no evento inicialmente descrito, transformando-o em moda vazia.

O *piercing*, deslocado de seu contexto inicial e esvaziado de sentido numa sociedade “*fast food*” deixa de apontar-lhe ironicamente o dedo indicador para trazê-la cuidadosamente no anelar esquerdo. Sim; casou-se com ela e de agora em diante a representa em lugar de acusá-la. É precisamente a este *piercing* – traidor, representante de uma colorida e atraente bolha de plástico à vácuo – que o poeta Zeca Baleiro impetra que lhe seja tirado da frente para que siga adiante com a sua dor.

E o que é precisamente, esta “dor” do poeta? Voltemos à letra:

*“Pra elevar minhas idéias **não preciso de incenso***

*Eu existo **porque penso***

tenso, por isso existo

São sete as chagas de cristo

São muitos os meus pecados

*Satanás **condecorado***

***na tv** tem um programa*

***Nunca mais** a velha chama*

***Nunca mais** o céu do lado*

Disneylândia eldorado

Vamos nós dançar na lama

*Bye bye **adeus Gene Kelly***

*Como santo **me revele***

como sinto como passo

Carne viva atrás da pele

aqui vive-se à míngua

*Não tenho **papas na língua***

*Não trago **padres na alma***

Minha pátria é minha íngua

*Me conheço **como a palma***

da platéia calorosa

Eu vi o calo na rosa

eu vi a ferida aberta

Eu tenho a palavra certa

pra doutor não reclamar

*Mas a minha mente **boquiaberta***

*Precisa **mesmo deserta***

*Aprender **aprender** a soletrar*

*Tire o seu *piercing* do caminho,*

Que eu quero passar, quero passar com a minha dor...”

Em que pode consistir a dor de um poeta? A sua dor é a dor da vida; a dor do mundo que grande parte do mundo não sente; a dor de um homem com o pé na terra e o desejo no infinito; um homem

inteiramente sozinho no sentir e sorver o paradoxo e o mistério da própria existência. A muitos outros homens, a máquina do “*panis et circencis*” mundial consegue acalmar com suas belas promessas de fogos de artifício, mas não a uma alma de poeta. Ela passa por entre as mesas e os espetáculos que aos demais delicia – ela mesma tantas vezes pão e circo entre outros, para os outros – alimentando-se apenas das migalhas pobres do prazer alheio, qual peregrino no deserto em busca do Paraíso perdido.

A alma de um poeta passa, vê, aponta e vai-se embora mambembe. Pode até ficar no mesmo lugar anos a fio, mas não permanecem os mesmos, nem o poeta, nem os que por ele passam, nem o terreno à volta de seu passo. Adentrando as inóspitas terras de si mesmo, ele faz andar o mundo que o cerca. Neste passar por entre outros, a alma de um poeta deixa rastros de si mesma, de sua insatisfação com este mundo e também da direção para a qual seu caminhar – mesmo que incerto – aponta: a do Absoluto.

Por isso o passo de um poeta nunca passa despercebido e na maioria das vezes incomoda e muito. Os pesados homens do “não pense” atiram-se sobre ele; tentam comprá-lo, moldá-lo ou anulá-lo a todo custo: “**a modernidade é uma matilha de cães raivosos e assustados...**” diz a letra; e é assim mesmo. Uma alma de poeta conhece o vale por onde passa; sabe seus perigos e encantos, mas não se detém a considerar estes ou aqueles; leva em conta apenas a necessidade imperiosa do seguir em frente até a morte – cortina divisória entre o faz de conta e o real.

A alma do poeta não teme a morte – quase a deseja – mas teme sim o tornar-se zumbi – um morto-vivo – em seu próprio mundo. A alma de um poeta deseja atravessar as noites com os olhos, os ouvidos e a boca abertos; deseja olhar, ouvir e dizer. Despreza a palavra macia e falsificada – o falso “belo” dos homens políticos e da mídia comum – ; ama toda palavra, fonte de comunicação entre os homens de bem. Deixo Baleiro cantar:

*“Não me diga que me ama
Não me queira não me afague
Sentimento **pegue e pague**
emoção compre em tablete
Mastigue como chiclete
jogue fora na sarjeta
Compre um lote do futuro
cheque para trinta dias
Nosso plano de seguro
cobre a sua carência
Eu **perdi** o paraíso
mas ganhei inteligência
Demência, felicidade,
propriedade privada
Não se prive não se prove
Dont’t tell me **peace and love**
Tome logo um engov
pra curar sua ressaca
Da modernidade **essa armadilha***

Matilha de cães raivosos e assustados

O presente **não devolve o troco** do passado

Sufrimento **não é** amargura

Tristeza **não é** pecado

Lugar de ser feliz não é supermercado

Tire o seu piercing do caminho..."

O que é a felicidade? – pergunta o autor – Em que consiste o *ser feliz* neste mundo? No conforto? Na ausência de dor? Na posse de uma série de bugigangas que dão *status* a quem as exhibe? Quem sabe num certo grau de demência que faz o homem material e socialmente bem colocado no seu mundo ignorar quase por completo as sub-humanas condições em que vivem outros homens, tão dignos de felicidade quanto ele? Quem sabe, talvez então, não estaria a felicidade na supressão tecnológica e comportamental de toda privação ou provação, na construção artificial de uma espécie de sociedade perfeita na qual palavras como sofrimento, amargura e tristeza sejam definitivamente banidas como **"ilegais, imorais ou engordativas"**?

Entretanto, se não é possível extirpar da sociedade tais termos, por conta de uns tantos extra-terrestres humanóides que parecem vindos a este mundo só para incomodar com suas deficiências, pobreza e sofrimento, ao menos se pode empurrá-los para o mais longe possível da nossa convivência; seja jogando-os para as periferias de nossas cidades, seja pela construção de muralhas como meios de distinção e segurança para as nossas confortáveis e belas moradias.

*"O inferno é **escuro***

***não tem** água encanada*

Não tem porta não tem muro

Não tem porteiro na entrada

*E o céu será **divino***

confortável condomínio

*Com **anjos cantando hosanas***

*nas **alturas** nas alturas*

*Onde tudo é **nobre***

*e tudo **tem nome***

Onde os cães só latem

Pra enxotar a fome

Todo mundo quer quer

Quer subir na vida

Se subir ladeira espere a descida

*Se na hora "h" **o elevador parar***

*No **vigésimo quinto andar***

*e der **aquele enguiço***

*Sempre vai haver uma **escada de serviço***

Tire o seu piercing do caminho

Que eu quero passar, Quero passar com a minha dor"

Haverá uma ponte possível entre estes dois universos paralelos da pobreza e da riqueza? O que se

entende hoje por “caridade”? Dar presentes, roupas, ou comida ao pobre? Onde poríamos a linha que distingue estes dois termos – caridade e justiça?

Bento XVI afirmava magistralmente em sua Encíclica *Spe Salvi*, que a “*Caridade chega onde a Justiça não alcança*”. Não que a Justiça não possa ser perfeitamente cumprida neste mundo, o que em sentido estrito é bem verdade, mas não por isso. Ainda que uma sociedade possa alcançar um avançado grau de justiça legal e moral neste nosso mundo contemporâneo, haveria sempre nele a carência desta outra virtude, a da Caridade, que não consiste propriamente em dar o que nos sobra – quando não o que nos estorva mesmo – mas sim em dar-nos a nós mesmos até a última gota do coração com toda a sua capacidade de amar, de querer, de desculpar, perdoar e compreender. A Caridade – o Amor Fraternal – situa-se num nível ligeiramente superior ao da Justiça; anda lado a lado com ela e não a prescinde, mas situa-se em outro patamar moral, o da liberalidade.

Em tal patamar, não busca o homem tal virtude por si mesmo, mas para chegar ao outro. A Justiça consiste em dar a cada um o que lhe é devido. A Caridade consiste num abrir-se total e ilimitadamente ao outro, porque descobre nele a diversidade de dons e valores, ao mesmo tempo que a similaridade da espécie, que nos faz todos iguais em termos de valor e dignidade. A Justiça, como a Caridade e todas as demais virtudes, como tais, consistem em hábitos; predisposições da pessoa para o bem através da repetição de atos morais bons. A virtude, enquanto hábito adquirido e/ou por se adquirir, custa trabalho e persistência.

“*Todo mundo sabe tudo todo mundo fala*”, diz a letra – fácil é falar... **“*Mas a língua do mudo ninguém quer estudá-la!*”** : uma claríssima referência à pouca ou nenhuma disposição natural das pessoas a moverem-se no sentido de verdadeiramente escutar; interessar-se sincera e retamente pelos outros. Pergunto-me a respeito deste verso, o quão disposta estaria eu – estaríamos nós – a dar espaço ao outro no meu pensamento e na minha vontade, de forma que o “eu” se ponha voluntariamente em segundo plano em favor do “outro”. Sim, é preciso estar disposta e treinar diariamente: **“*Quem não quer suar camisa não carrega mala; revólver que ninguém usa não dispara bala.*”**

Tenho que aprender a me enxergar e enxergar o outro, pensando que a fraqueza dele é também a minha. Tenho que entender que todos somos passíveis de engano e erro. Tenho que sair da minha zona de conforto e aprender a me comunicar com aqueles que não são da minha rua ou que não pensam como eu. Tenho que aceitar ser uma estranha para o outro e sentar-me formalmente em sua “sala de visitas” para chegar à intimidade de seu quarto, onde só ele, além de Deus, sabe das dores e alegrias de se ser o que mais íntima e verdadeiramente se é.

“*Pra chegar na minha cama tem que passar pela sala*

Quem não sabe dá bandeira quem sabe; sabiá cala

Liga aí; porta-bandeira não é mestre-sala

E não se fala mais nisso!

- Mas nisso não se fala!

E não se fala mais nisso

Mas nisso não se fala

Tire este seu piercing do caminho que eu quero passar,

Quero passar com a minha dor!”

NOTAS:

[1] O Movimento *hippie* surgiu nos EUA nos anos 70, questionando a utilização de homens jovens como “bucha de canhão” pelo Estado em seus jogos de guerra, bem como a hipervalorização das regras morais da sociedade, não na sua essência, mas apenas no seu aspecto formal, e o segundo a exaltação da frivolidade e do luxo da sociedade de consumo ocidental capitalista dos anos 80, especialmente pelas mídias televisivas e cinema americano desta época.

Por Iura Breyner Botelho, especialista em História da Arte e Crítica de Arte.

Tags: Alma poeta, Dor, Mundo contemporâneo, Piercing, Poesia, Sociedade,

Fonte: IFE Campinas. Disponível em:
<http://ife.org.br/tire-seu-piercing-caminho-quero-passar-dor-iura/>